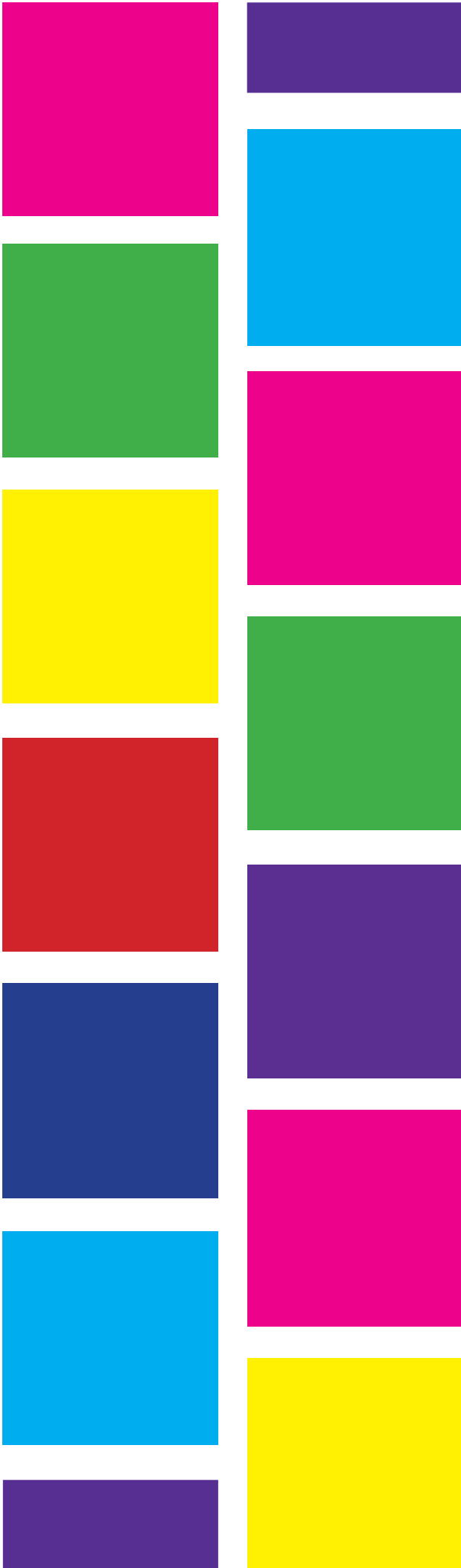




Sub projeto PIBId UERJ Artes Visuais Volume 1



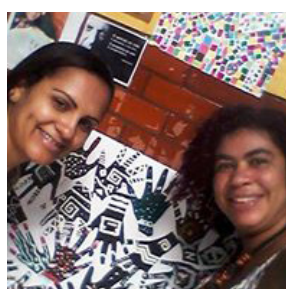
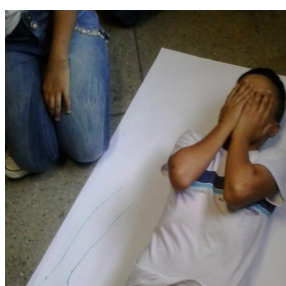


Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Artes
PIBID - Programa Institucional de Bolsa
de Iniciação à Docência
Escola Municipal Alcide De Gasperi

Coordenador do Subprojeto
Aldo Victorio Filho

Professoras Supervisoras
Adriana Mendonça
Maria Helena Neves

Bolsistas
Adriana França
Angélica Santiago
Breno Felipe
Francisco Onório
Júlio Cesar dosAnjos
Marcia Sodré
Marcos Fernando dos Santos
Maria Sgahara
Mariluse Vianna
Natalia Rey
Priscilla Duarte
Rodrigo Torres do Nascimento



APRESENTAÇÃO

Esse trabalho é resultado do segundo ano de atuação dos bolsistas do Sub projeto PIBID/UERJ Artes Visuais: Cidade e Arte, cidade em imagens, cidade e gente, cidade da gente!, na Escola Municipal Alcide De Gasperi, escola localizada no bairro de Higienópolis da cidade do Rio de Janeiro, próximo ao Complexo do Alemão. Estudantes do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, uma universidade pública e popular, primeira no país a implantar o sistema de reserva de vagas a negros, indígenas e estudantes oriundos de escolas públicas em seu vestibular, os bolsistas do PIBID, ao iniciarem suas atividades na educação básica tem por objetivo fortalecer sua formação docente em Artes Visuais em franca e envolvida ação na escola. A vivência direta na escola intensifica e aprofunda a experiência dos licenciandos, a atualização e discussão das práticas pedagógicas das professoras supervisoras, bem como oferece subsídios à pesquisa inerente ao subprojeto. As experiências técnicas, inerentes à área de conhecimento e docência em Artes Visuais, são inseparáveis das experiências de todas as situações que constituem os cotidianos escolares. Cotidianos, por sua vez, fonte de saberes à respeito da educação formal inalcançáveis apenas por meio do estudo teórico.

A criação do projeto Cidade e Arte, cidade em imagens, cidade e gente, cidade da gente! decorreu inicialmente do entendimento da dimensão da formação cidadã que norteia a utopia íntima da Educação desde a antiguidade grega, e da problematização da vida e governo coletivo nas cidades. Localizar-se no tempo e no espaço e desta localização poder elencar as condições que nos cercam e as razões das quais decorrem, pode se dar na perspectiva estética e por meio da dimensão visual na qual estamos todos inexoravelmente envolvidos.

A partir dessa perspectiva, o projeto pretendeu levar à algumas problematizações que incentivassem e facilitassem o reconhecimento da cidade como espaço resultante de diversas pressões e tensões as quais embora não sejamos autores seremos de uma forma ou de outra responsáveis por seus êxitos, fracassos, prejuízos e demais resultados.

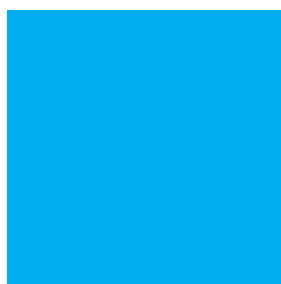
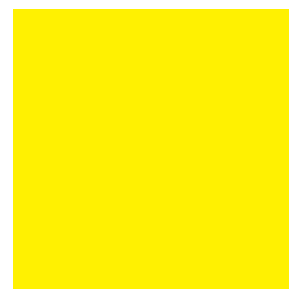
A Cultura Visual, território de competência da área do subprojeto, envolve muito mais que o campo específico da Arte outorgada pela cultura culta, euroreferenciada e pelo mercado que influencia e

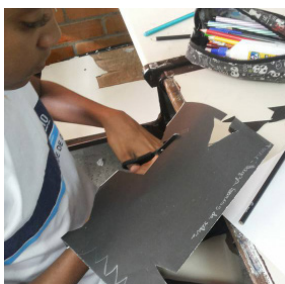
muitas vezes orienta o aparato cultural da cidade. Museus, centros culturais e demais espaços públicos são atravessados por interesses políticos muitas vezes opostos aos anseios e direitos populares, bem como funcionam como cúmplices de ações gravemente dissonantes e incompatíveis com a ideia de cidade democrática. As imagens decorrentes de grande parte dos planos diretores que desenham e reorientam o espaço urbano guardam lógica e partido estético afinado com os objetivos dos dirigentes da cidade e, certamente referenciado por apreço cultural de suas localizações sociais. O que na maioria das vezes resulta em concepções estranhas às pessoas comuns via de regra pouco contempladas com as benesses urbanas e sociais.

Entendendo, a referência aqui é evidentemente Paulo Freire, que a educação formal sob todas as perspectivas disciplinares e epistemológicas ainda tem o compromisso de formar e fortalecer a leitura do mundo e da vida, leitura que a um só tempo é conhecimento e criação do que se vem a conhecer e atualização do anteriormente conhecido em indestrinçável ação de prática política, então tomamos o mundo das imagens visuais para tratar de alguns temas urgentes e oportunos.

Os licenciandos escolheram livremente os temas e elaboraram coletivamente as oficinas a seguir apresentadas. Foi estabelecido apenas um roteiro para as suas organizações e o seu tempo de duração. Observamos que as oficinas foram culminâncias de atividades desenvolvidas ao longo da frequência à escola. Assim como a escolha dos temas decorreram tanto do intenção de atender aos objetivos do projeto Cidade... quanto da manifestação de interesses e carências evidenciadas pelas turmas.

A ideia de, por meio de oficinas extraordinárias, criar uma escola diferente dentro da escola rotineira, atende tanto às expectativas do alunado quanto desafia o licenciando a aprofundar sua percepção das realidades cotidianas da escola. Contribui também para percebermos que todo dia na escola, aparente e equivocadamente reduzido à repetição de rotinas, guarda novidades nem sempre ostensivas, mas, que, mesmo em suas discretas manifestações, ensinam aos futuros e atuais professores a força e magnitude dos encontros coletivos e o quanto é necessário toma-los como fontes para atualizações de práticas e recursos didático pedagógicos a favor da continuidade do programa escolar para além do anacronismo que sempre o ameaça.

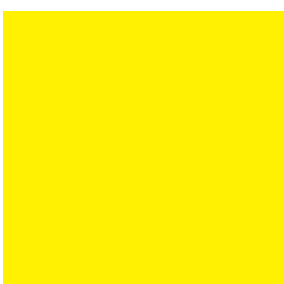
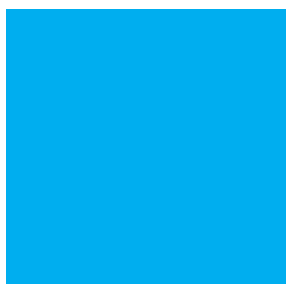
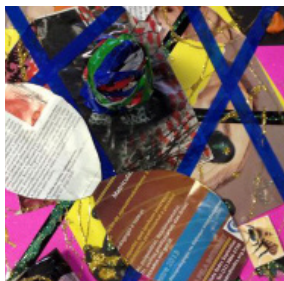




INTRODUÇÃO

O conjunto do material pedagógico a seguir não apenas expõe as técnicas e procedimentos adotados, mas, também, contém grande parte da experiência dos bolsistas do subprojeto PIBID/ UERJ Artes Visuais na Escola Municipal Alcide De Gasperi. Buscamos nesses registros, contemplar as atividades planejadas com as turmas escolares, como foram realizadas e como se deu a realização de cada uma das oficinas.

Além do registro das nossas ações, sem o qual a reflexão e crítica bem como ajustes, reorientações e sistematizações seriam de difícil realização, essa recuperação e memória do trabalho realizado foi pensada também como possibilidade de contribuição a outros estudantes e professores na aplicação e desenvolvimento de práticas pedagógicas no âmbito das Artes Visuais. As atividades aqui elencadas foram estruturadas como oficinas e cada uma delas foi apresentada e descrita da melhor maneira que alcançamos nas partes seguintes desse material.



FEIO

Fealdade/Beleza

Técnica: "Assemblage"

Bolsistas: Maria Fontellas Sugahara e Rodrigo Torres do Nascimento

Tempo de duração: 100 minutos

Público-alvo: 2º Segmento do Ensino Fundamental

Número de alunos: até 40 alunos por oficina

¹O termo assemblage é incorporado às artes em 1953, cunhado pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901-1985) para fazer referência a trabalhos que, segundo ele, "vão além das colagens". O princípio que orienta a feitura de assemblages é a "estética da acumulação": todo e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de arte. O trabalho artístico visa romper definitivamente as fronteiras entre arte e vida cotidiana; ruptura já ensaiada pelo dadaísmo, sobretudo pelo ready-made de Marcel Duchamp (1887-1968) e pelas obras Merz (1919), de Kurt Schwitters (1887-1948). A ideia forte que ancora as assemblages diz respeito à concepção de que os objetos díspares reunidos na obra, ainda que produzam um novo conjunto, não perdem o sentido original. Menos que síntese, trata-se de justaposição de elementos, em que é possível identificar cada peça no interior do conjunto mais amplo. A referência de Dubuffet às colagens não é casual. Nas artes visuais, a prática de articulação de materiais diversos numa só obra leva a esse procedimento técnico específico, que se incorpora à arte do século XX com o cubismo de Pablo Picasso (1881-1973) e Georges Braque (1882-1963). Ao abrigar no espaço do quadro elementos retirados da realidade - pedaços de jornal, papéis de todo tipo, tecidos, madeiras, objetos etc. -, a colagem liberta o artista de certas limitações da superfície. A pintura passa a ser concebida como construção sobre um suporte, o que pode dificultar o estabelecimento de fronteiras rígidas entre pintura e escultura. Em 1961, a exposição The art of Assemblage, realizada no Museum of Modern Art - MoMA de Nova York, reúne não apenas obras de Dubuffet, mas também as combine paintings de Robert Rauschenberg (1925-2008) e a junk sculpture, e isso leva a pensar que a assemblage como procedimento passe a ser utilizada nas décadas de 1950 e 1960, na Europa e nos Estados Unidos, por artistas muito diferentes entre si.

¹<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>

Objetivo geral:

Levantar, problematizar, conversar e elencar conceitos e preconceitos individuais e coletivos que povoam nossas vidas e circulam em nossos meios sociais. Refletindo sobre a dicotomia entre o belo e o feio a intenção é deflagrar a compreensão de como a contaminação subjetiva por esses conceitos é fruto das realidades culturais de cada lugar e como cada indivíduo a assimila de forma diferente. Relativizar a beleza e a fealdade é parte vital do processo de elaboração da cidadania, sem a qual, será impossível a aceitação das diferenças que a todos constituem. Entendemos que princípios estéticos e imposições de padrões são recursos cada vez mais utilizados a favor de ações excludentes que açambarcam não só o universo de consumo de bens como de fragmentação social.

Objetivos específicos:

- Conhecer obras de arte com técnicas e origens culturais diversas;
- Conhecer a técnica assemblage;
- Investir na espontaneidade dos processos poéticos e inventivos na produção plástica do estudante;
- Levantar questões conceituais envolvendo a beleza e a feiura nas relações interpessoais e sociais e seus reflexos na Cultura Visual;
- Experimentar e aprender a lidar e conjugar diferentes matérias em um mesmo trabalho plástico;
- Trabalhar em grupo;
- Considerar a relatividade dos conceitos de Beleza e Fealdade;
- Ampliar o vocabulário na área das Artes Visuais.

Conteúdos Conceituais:

- Conhecer as obras com a técnica assemblage e/ou com aspectos belos e/ou feios de artistas como: Alfonso A. Ossorio, Basquiat, Leonardo Da Vinci, Kirkland Smith e Nuno Ramos;
- Compreender, explorar e experimentar o objeto plástico tridimensional;
- O belo e o feio na perspectiva da Cultura Visual.

Conteúdos procedimentais:

- Técnica de assemblage;
- Produção plástica coletiva de obra tridimensional com o tema "feio" a partir de questões levantadas na apresentação das imagens de trabalhos de arte com técnicas mistas.
- Noção de projeto como ação anterior à realização da obra.

Conteúdos atitudinais:

- A importância social da atuação cooperativa;
- Análise e respeito das ideias de todos;
- Operacionalizar a ação em equipe;
- A relatividade da beleza e sua construção sociocultural;

- A noção da diferença e sua importância na estruturação dos coletivos

Estratégias:

- Exposição oral;
- Apresentação de imagens de obras de arte com linguagens e técnicas diversas;
- Discussão sobre as imagens apresentadas;
- Explicação das técnicas artísticas aplicadas às obras apresentadas e em especial a da assemblage;
- Produção de trabalho artístico com tema "Feio";
- Análise das atividades realizadas com o grupo e discussão das ideias, julgamentos e constatações.

Recursos materiais:

- Projetor;
- Papel 40Kg, papeis coloridos, revistas, jornais cola plástica, cola, cola colorida, fita adesiva transparente, fita crepe, tesoura e materiais recicláveis.

Avaliação:

- Realizada durante a oficina, propiciando ajustes na condução pedagógica, esclarecimento de especificidades técnicas e conceituais, diálogo com os estudantes à respeito da participação e desempenho individual e coletivo, ao longo das atividades.

Observações finais:

A sensação e constatação é do bom aproveitamento dos estudantes. Demonstraram não só bastante interesse na técnica ensinada, a assemblage, como participaram das discussões preliminares e ao longo das atividades. Distribuídos em grupos de 4 ou 5 crianças, realizaram e apresentaram trabalhos diferenciados, o que ocasionou experiências e produções diversas, fortalecendo dessa forma a discussão das diferenças estéticas e criativas. Alguns grupos, se viram diante de dificuldade em produzir algo com a proposta temática, "o feio", alegaram estar habituados à cobrança de trabalhos "belos". Para muitos, foi um momento em que claramente extravasaram suas emoções e criatividade, significativamente diferente do comportamento observado durante as aulas rotineiras de Artes Visuais conduzidas pelas supervisoras.

Entendemos que a oficina pode contribuir para levantar questionamentos entre os estudantes sobre os conceitos e preconceitos em relação ao que cada um pensa ser belo ou feio. Cada um pode compreender e perceber que seu colega de sala muitas vezes tem preferências estéticas diferentes ou iguais as dele, e que o gosto e afinidade estética é elemento cultural que ao

contrário de nos autorizar a discriminar, excluir e condenar, nos incentiva a somar as diferenças em benefício do sucesso coletivo. Como isso é refletido nos nossos ambientes que nos cercam, na cidade, e como temos o poder e o dever de ajustar o que convém em benefício geral ser ajustado.

A técnica proposta pela oficina não era conhecida pelos alunos, nenhum deles tinha ouvido falar em assemblage, apenas alguns já tinham visto obras de arte que utilizavam a técnica. Acreditamos, enfim, que cada novo conhecimento fortalece os acervos pessoais e amplia os recursos de inteiração com o mundo, nesse caso, por meio do campo da arte e da visualidade, se amplia a significação do universo humano em sua complexidade e diferenças na formação dos indivíduos e seus coletivos.

Referências bibliográficas:

CORRÊA, Ayrton Dutra e NUNES, Ana Luiza Rangel (orgs.). O ensino das Artes Visuais: uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: editoraufsm, 2007.

ECO, Umberto. História da beleza. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. História da Feiúra. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ICLE, Gilberto (org.) Pedagogia da Arte: entrelugares da criação. Porto Alegre: UFRGS editora, 2010.

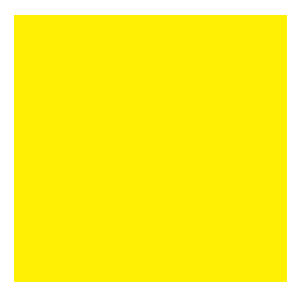
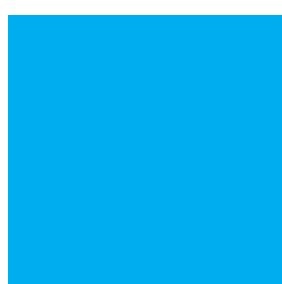
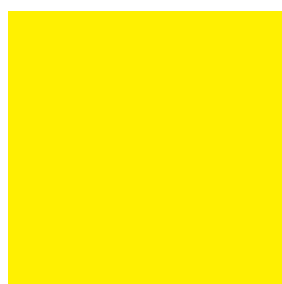
LOPES, Anemari R. L. Vieira e TOMAZETTI, Elisete M.. PIBID UFSM: experiências e aprendizagens. V.1, São Leopoldo: 2013.

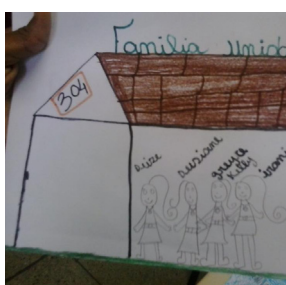
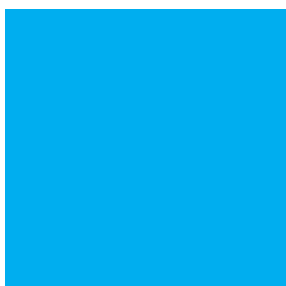
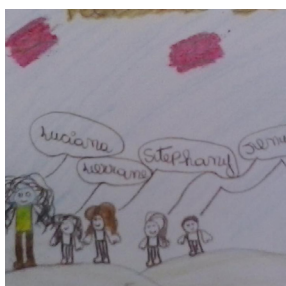
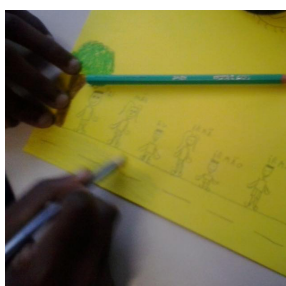
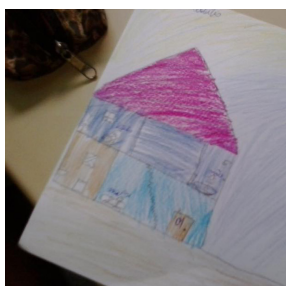
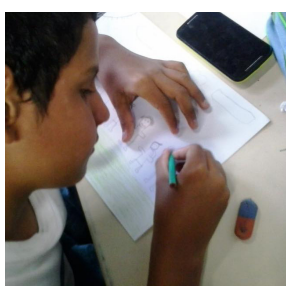
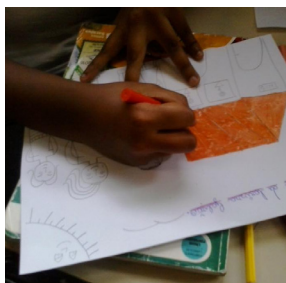
MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.) Pedagogias Culturais. Santa Maria: editoraufsm, 2014.

TAYLOR, Roger L.. Arte inimiga do povo. São Paulo: Conrad, 2005.

ZABALA, A. (Org.). Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Enciclopédia Itaú Cultural: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo325/assemblage>





FAMÍLIA IMAGEM

Técnica: Desenho

Bolsistas: Maria Fontellas Sugahara e Rodrigo Torres do Nascimento

Tempo de duração: 100 minutos

Público-alvo: 2º Segmento do Ensino Fundamental

Número de alunos: até 40 alunos por oficina

Objetivo geral:

Por meio das Artes Visuais e de suas representações, e produção dos envolvidos, debater os conceitos de família, reunindo e pensando as diversas formas existentes acerca do tema proposto. Procurando possibilitar novos olhares e compreensão ampliada às novas configurações de famílias no mundo contemporâneo.

Objetivos específicos:

- Por meio da representação gráfica, fomentar o debate a respeito das famílias contemporâneas;
- Sensibilizar para os elementos da linguagem visual: linha, forma e cor na criação gráfica;
- Explorar a liberdade na produção plástica;
- Investir no domínio da técnica do desenho em sintonia com a exploração das representações visuais;
- Explorar os conceitos de perfectibilidade e adequação no campo da Arte, das imagens e representações sociais.

Conteúdos Conceituais:

- Reconhecimento de elementos da linguagem visual: linha, forma e cor;
- Plano bidimensional;
- Conceitos de representações visuais em face das realidades das famílias no mundo contemporâneo.

Conteúdos procedimentais:

- Técnica de desenho;
- Produção de desenho da família do colega a partir do auxílio de um roteiro de perguntas (entrevista) sobre suas respectivas famílias.
- Aplicação do alfabeto visual e iniciação na sintaxe visual.

Conteúdos atitudinais:

- Noção de organização em trabalho individual e em parceria;
- Escuta e atenção no processo de execução de tarefa em parceria;
- Respeito às diferenças;
- Reconhecimento da cooperação como recurso coletivo;
- Noção da diversidade como elemento estruturante da sociedade;

- Planejamento e dedicação na realização de obras e tarefas.

Estratégias:

- Exposição oral e apresentação de obras de Arte e demais imagens afins com o tema da oficina;
- Conversa/Debate sobre o tema Família em suas diferentes configurações e representações;
- Realização de ação em dupla, na qual cada um dos parceiros, por meio de um roteiro de perguntas (entrevista), realize o desenho da família do outro;
- Apresentação da atividade produzida para o grupo;
- Discussão da obra realizada com a turma.

Recursos materiais:

- Folha de papel A4;
- Lápis preto, borracha, apontador, lápis de cor e lápis de cera.

Avaliação:

- Realizada durante a oficina, a partir da participação e o fazer coletivo, no sentido de aprimorar a atividade em todos os seus aspectos.

Roteiro de entrevista:

- 1- Com quem você mora?
- 2- Quais são as pessoas da sua família?
- 3- Você tem animais de estimação? Quais são eles?
- 4- Descreva as características das pessoas da sua família e de seu animal de estimação.

Observações finais:

Essa oficina possibilitou a experiência de explorar muitos aspectos formativos que envolvem o ensino das Artes Visuais, nesse caso específico, por meio do tema 'família'. Trata-se de um conjunto de conceitos e concepções cada vez mais discutidos atualmente, quando configurações diferentes do padrão hegemônico emergem e reivindicam respeito e legitimidade. Portanto, é função da educação discutir a multiplicidade das constituições familiares salientando a importância do respeito a cada uma delas.

Outro ponto destacável na oficina é que as crianças tiveram a oportunidade de conhecer as famílias dos colegas, fortalecendo seus laços de amizade e sobretudo encarar a diversidade como elemento constante e presente na vida de qualquer coletivo. Além disso, a turma pode investir no conhecimento do desenho e na sua prática, ampliando o interesse e um pouco mais das técnicas do desenho e emprego de seu material e instrumentos específicos. O interesse e dedicação de todos foi evidenciado em toda a duração da oficina.

Referências Bibliográficas:

DERDYK, Edith (org.). Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Senac, 2007.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2007.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.). Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: editoraufsm, 2012.

WONG, Wucius. Princípios da forma e do desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZORDAN, Paola (org.) Iniciação à docência em Artes Visuais: guia de experiências. São Leopoldo: OIKOS, 2011.

MOVIMENTO, RITMO, E CRIAÇÃO

Oficina de domínio do gesto

Bolsistas: Adriana da França Antunes
e Márcia de Oliveira Sodré

Tempo de duração: 100 minutos

Público-alvo: 2º Segmento do Ensino Fundamental

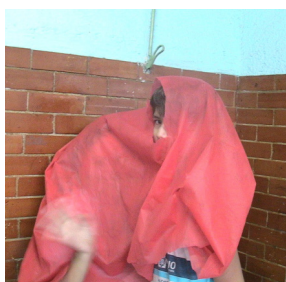
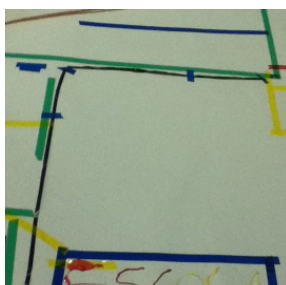
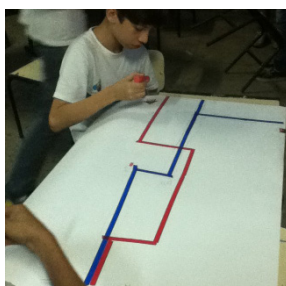
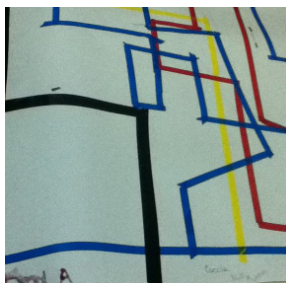
Número de alunos: até 40 alunos por oficina

A relação e demais experiências em família, na escola e na comunidade são muito importantes e devem ser reconhecidas como fontes de saberes e meios de formação tão ou mais efetivos que a vivência escolar. A professora que além de se estudar e pesquisar recorre às fontes das práticas cotidianas, fortalece seu conhecimento técnico e teórico a ser aplicado no processo pedagógico. Ampliando assim a sua capacidade de escuta e observação, bem como sua capacidade de aferir e intervir, por meio da adequada e oportuna introdução de informações culturais, compreensões políticas e visão social nas aulas e demais atividades. Entre os aspectos do panorama escolar, o corpo do estudante e suas competências e possibilidades deve ser destacado.

A compreensão da nossa localização no mundo, depende do reconhecimento dos elementos acima apontados, mas, sem a aceitação e investimento na fisicalidade do aprendiz, o caminho para a fruição e participação na cidade será para ele mais longo e obstaculizado. O corpo se faz também pelas relações sociais e políticas, as quais incorpora na sua gestualidade, estética, adequação, resistência e resposta aos diferentes ambientes experienciados ao longo da vida. É como se o início e o fim da cidade mundo começasse na pele de cada um de seus habitantes.

As atividades descritas a seguir constituem uma sequência que foi levada à prática explorando as duas possibilidades motoras (motricidade ampla e motricidade fina) por meio dos dois tipos de gestos, o dirigido ou controlado e o livre ou espontâneo, designações caras às práticas artísticas.

Na deflagração da oficina propomos introduzir conceitos de medida ou dimensão, de comprimento, separação, de diminuição e aumento de formas como auxílio do gesto e expressão corporal. A partir dessas experimentações abstratas propomos iniciar a realização de representações simbólicas, ou seja, criação de imagens figurativas.



A representação plástica e visual consiste em tornar evidente uma coisa ou um fato mediante as imagens. E as imagens se concretizam em formas em combinação no espaço bi ou tridimensionalmente. O que resulta em imagens de diferentes níveis, o narrativo, quando uma ou mais imagens referenciando um fato real ou imaginário, permite-nos expor suas circunstâncias e resultado. O expressivo, quando uma ou mais imagens transmitem opiniões do seu autor.

Objetivo geral:

Conhecimento e domínio do corpo, reconhecendo que o movimento corporal está submetido a aspectos posturais que tornam possíveis os gestos que a vida nos exige. Assim, a exploração do gesto/movimento destacará não apenas os jogos experimentados na oficina, mas, também aludirá à memória dos movimentos do dia-a-dia de cada indivíduo. Para tanto, se recorre, nesta atividade, à expressão corporal e à composição plástica.

Objetivos específicos:

- Reconhecer o corpo no espaço;
- Relacionar o eu ao outro reconhecendo a semelhança de ambas as condições
- Incentivar a observação dos próprios movimentos e dos próximos;
- Experimentar a expressão corporal como elemento de comunicação
- Compreender que as semelhanças e diferenças são elementos constituidores dos indivíduos e dos seus coletivos;
- Desenvolver meios de realização poética com o gesto
- Realizar obras plásticas por meio da ação gestual tendo como suporte o corpo e o seu movimento.

Metodologia:

Distribuir a turma em dois grupos para a execução de três jogos envolvendo o ritmo, a mímica e memória.

1º Jogo: (duração 15 minutos)

Os estudantes farão uma roda com mais ou menos 14 participantes, cada qual com um número em ordem crescente, de 1 a 15 caso a roda tenha 15 participantes. Então cada aluno vai cantar seu número depois de bater palma (em ordem crescente), quando os braços já estiverem abertos, tocando as mãos dos colegas dos dois lados.

No final, para repetir a sequência tem que bater palma embaixo da perna direita, depois na frente e recomeçar. Toda a atividade buscará junto com a realização do gesto ordenado, por meio das palmas, provocar a emissão sonora o mais ritmada possível.

2º Jogo: (duração 15 minutos)

Os participantes serão colocados um de frente pro outro para o jogo do espelho, se revezando no papel de mestre, ou seja, aquele que cria o gesto a ser copiado pelo parceiro.

3º Jogo: (duração 15 minutos)

Distribuídos em duas filas, os participantes ficarão de costas para o líder que criará um movimento para que o aluno que ele determinar o repita, e depois este desempenhará a função de líder e assim se dará até contemplar todos os participantes.

4º atividade (20 minutos)

Escultura humana: designar duplas para criarem uma espécie de escultura com seus corpos, utilizando tecidos em amarrações, vestimentas, etc. formarão imagens com destaque para características do colega e vice-versa. Trata-se de uma experiência de produção de imagem de caráter expressivo, ou seja, uma imagem que transmite opiniões próprias a respeito do elemento a ser representado. O autor da imagem deverá compreender que o papel do representador se alterna com o de representado, não apenas na atividade lúdica, mas, em diversas instâncias da vida.

Duração: 30 minutos

Uma festa à fantasia!

Conteúdos conceituais:

Representação;

Festa;

Expressão corporal;

Percepção de espaço;

Encenação;

Planejamento coletivo;

Conteúdos procedimentais:

Planejamento;

Colagem e montagem de roupas;

Danças;

Criação sonora.

Conteúdos atitudinais:

Desempenho pessoal em função do coletivo;

Organização em equipe;

Relação coletiva em atividades lúdicas;

Respeito às produções de outros autores;

Noção de autoria coletiva

Ao finalizar cada exercício, é feita a exposição das obras para serem comentadas. Observadas as invenções de técnicas e demais recursos a serem compartilhados com toda turma. Conversa-se sobre como se conseguiu os efeitos visuais aplicados, sobre as posturas que mantiveram enquanto realizavam os trabalhos, sobre as sensações desfrutaram e as que as obras provocaram ou sentimentos que transmitiram.

Durante todas as etapas das atividades convém conversar sobre a importância das linguagens expressivas em jogo, das festas e demais produções experimentadas ao longo da história e entre povos diversos do planeta.

As atividades se baseiam em grande parte na experimentação e na manipulação de matérias e do próprio corpo como suporte e matéria prima. Convém estimular a capacidade de buscar e criar soluções pessoais, assim como sensibilizar o grupo em relação à predisposição à descoberta. Outro aspecto fundamental é garantir a disponibilidade de material suficiente e adequado às tarefas.

Para finalizar a sequência de aprendizagem proposta, é importante observar obras de diferentes artistas que revelem a participação do aspecto gestual, de modo que a turma compare sua experiência com a de outros artistas reconhecidos e também, caso não os conheça ainda, passem a conhecê-los, vale vídeos, livros, projeções de fotos, etc.

Referências bibliográficas:

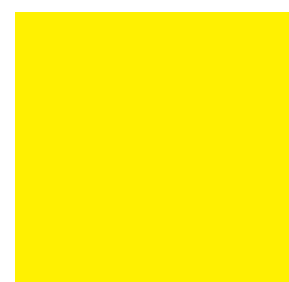
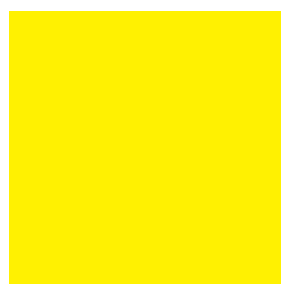
CORRÊA, Ayrton Dutra e NUNES, Ana Luiza Rangel (orgs.). O ensino das Artes Visuais: uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: editoraufsm, 2007.

ICLE, Gilberto (org.) Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação. Porto Alegre: UFRGS editora, 2010.

LOPES, Anemari R. L. Vieira e TOMAZETTI, Elisete M.. PIBID UFSM: experiências e aprendizagens. V.1, São Leopoldo: 2013.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.) Pedagogias Culturais. Santa Maria: editoraufsm, 2014.

ZABALA, A. (Org.). Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.



IDENTIDADES, IMAGEM E DIFERENÇAS

Bolsistas: Adriana da França Antunes,
Márcia de Oliveira Sodré e Francisco Onório

Tempo de duração: 100 minutos

Público-alvo: 2º Segmento do Ensino Fundamental

Número de alunos: até 40 alunos por oficina

Ao abordar o tema identidade, deveremos considerar alguns fatores que participam da produção da imagem e conteúdo humano, como o conhecimento que abrange o capital cultural, as relações político/sociais, os interesses dos grupos de pertencimento, as histórias pessoais, as familiaridades estéticas e os contextos psicológico e cultural. Todos eles vão participar simultaneamente dos trânsitos e abrigos identitários inseparáveis da vida de qualquer indivíduo.

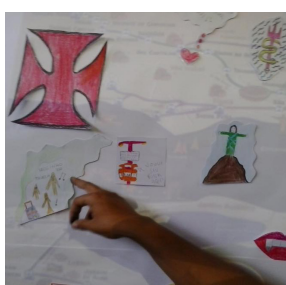
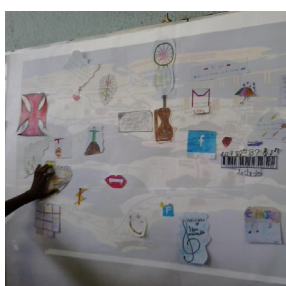
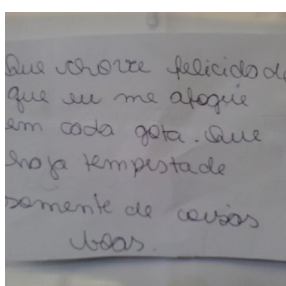
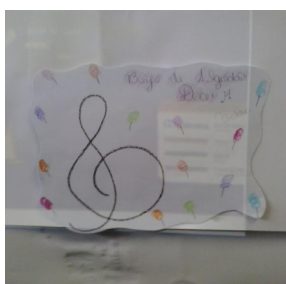
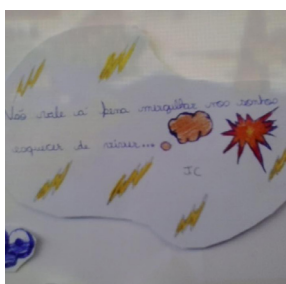
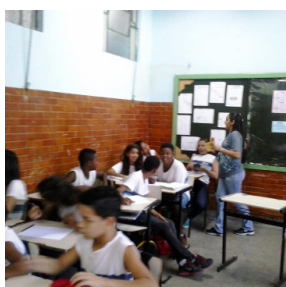
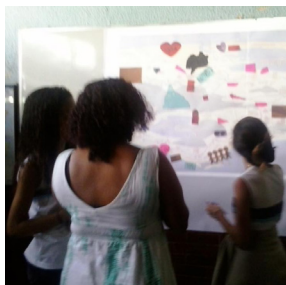
A condição identitária do indivíduo, por mais transitória e relativa que seja, é observável em sua forma de se comunicar, agir e atuar na sociedade a que pertence e nas áreas da cidade pelas quais transita e vive.

Conforme declara Hall (2006, p.11), "a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" – entre o mundo pessoal e o mundo público".

A ideia é criar condições para a produção coletiva de entendimento da diversidade de culturas e modos de lidar com as realidades sempre diversas. E sobretudo, compreender que dentro de coletivos aparentemente homogêneos cada um tem características singulares e todos, mesmo que imersos na mesma cultura somos em algum momento e aspecto podemos ser diferentes.

Na atualidade, o processo de composição da identidade do indivíduo torna-a cada dia mais temporário, mutável e incerto. O que não deve ser tomado como algo negativo, mas, sim como um dado positivo e absolutamente aceitável. Pois, ainda segundo Hall (idem), "a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia." A identidade é sempre complexa, qualificada ou temporária.

Ao longo da existência temos contato com diversos tipos de pessoas, adquirimos e transmitimos informações, pensamentos, atitudes que podem



alterar, somar, diminuir, multiplicar ou fazer a diferença em nossas vidas, mas para que o resultado dessas interações seja produtivo, é importante compreender, respeitar as características identitárias de todos.

A oficina pretende propiciar, por meio de atividades dinâmicas, alcançar leituras do mundo trazidas pelos alunos de modo a problematizar o tema "identidade". Para tanto, abordar questões que envolvem espaço social e cultural.

A arte como componente curricular da educação tem como objetivo proporcionar ao indivíduo distintas funções que possibilitem o fortalecimento da sua formação cidadã. Considerando, portanto, nesse campo de saber, o meio histórico, social e econômico, que se está inserido. As relações sociais de produção, da economia e da política, devem ser vinculadas à aula de artes e consideradas em suas abordagens para que a produção epistêmica que lhe concerne seja efetivamente significativa.

As aulas de Arte pode e deve fortalecer a relação política do indivíduo, levando-o a criar e exercer seu senso crítico e, com isso, reconhecer os aspectos que envolvem os trânsitos e abrigos identitários sob os quais se constrói a cidadania e demais ligações societais.

As atividades pedagógicas e culturais desenvolvidas com os alunos consideram a colaboração e valorização de suas experiências, com representações de costumes, práticas e demais saberes, valorizando as suas memórias e discutindo valores, incentivando as escolhas significativas meio a valorização das experiências adquiridas no cotidiano.

Objetivo geral:

Destacar, por meio de imagens visuais a relação entre alguns elementos das culturas juvenis, como o grafite e o Hip Hop, a percepção de nomes, marcas, palavras, músicas, desenhos, símbolos com os quais convivemos e que podem ser associados às criações identitárias pessoais e coletivas. Privilegiando assim a noção de diferença e multiplicidade constituidoras da sociedade contemporânea e, especificamente, da paisagem humana da cidade.

Objetivos específicos:

- Problematizar as marcas identitárias individuais e coletivas;
- Explorar a percepção das visualidades e afinidades culturais nas produções identitárias;
- Compreender a diversidade cultural, a partir da Arte e da Cultura Visual;
- Problematizar a paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro e as marcas e rastros das culturas juvenis;

- Criar uma 'tag' que represente sua presença na paisagem da cidade do Rio de Janeiro;
- Produzir cartografias da cidade e dos bairros dos estudantes constituídos por imagens visuais e afetivas que as referenciem.

Conteúdos Conceituais:

- Identidade;
- Imagem visual;
- Diferenças;
- Territórios;
- Hip Hop;
- Cultura Juvenil;
- Grafite, pichação;
- Arte urbana/arte pública.

Conteúdos procedimentais:

- Elaborar mapas por meio da colagem de imagens;
- Realizar debates e sínteses;
- Pesquisar e coletar imagens;
- Explorar as práticas artísticas, desenvolvendo a ação criadora;
- Relacionar pesquisa e objetivos das tarefas;
- Técnicas de elaboração de projeto.

Conteúdos atitudinais:

- Compreender a relação entre identidade e diferença;
- Considerar positivamente as identidades individuais e coletivas;
- Valorizar outras culturas;
- Perceber os elementos formadores e constitutivos das identidades;
- Fortalecer a noção de alteridade;
- Relativizar os valores estéticos e artísticos;
- Ampliar seu conhecimento e crítica à cidade e às condições urbanas de seu bairro.

Metodologia:

Deflagrar conversa a respeito do conhecimento de cada um sobre a cidade e as razões que os levam a atribuir valor ao que conhece. Problematizar as diferenças das interpretações, pontos de vista, posições, gosto e etc.. Explicitar como a interpretação se dá com aspectos de atividade poética que artistas ou não, realizamos nas interlocução com o mundo. Audição de músicas de diferentes estilos que se refiram à cidade; apresentação da conexão do Hip Hop, Rap, Funk, Pichação e Grafite; exposição de exemplos de imagens que, sob algum aspecto, remetam às questões identitárias; confecção de uma composição plástica (símbolo identitário); ampliação do mapa da cidade do Rio de Janeiro e sua reelaboração via a aplicação de elementos identificadores de referências culturais e afetivas dos alunos...

Recursos materiais:

- Revistas e jornais;
- EVA;
- Massa de modelar;
- Tesoura;
- Hidrocor;
- Lápis de cor;
- Cola colorida;
- Papel cartão branco;
- Papel cartão colorido;
- Aparelho de som;
- Data show;
- Máquina fotográfica

Avaliação:

A avaliação da oficina se dá processualmente em suas realizações, nas quais são observadas a pertinência e a produtividade das tarefas propostas; é observado o êxito de suas atividades; a adequação dos recursos e estratégias planejadas; a participação; a experimentação e a condução das técnicas e tarefas propostas.

Exibição na turma das fotos captadas durante os trabalhos e discussão dos resultados com todos os participantes, incentivando a avaliação de cada um deles, buscando não só ouvi-los, mas registrar suas colocações.

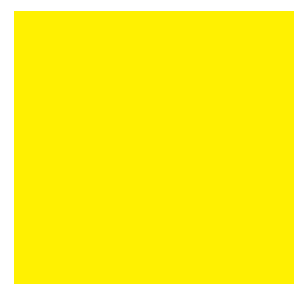
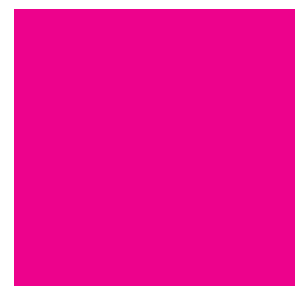
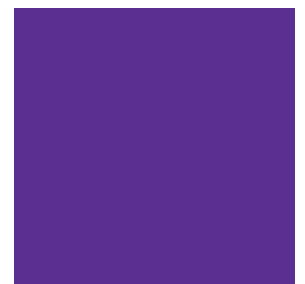
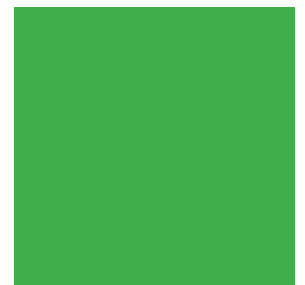
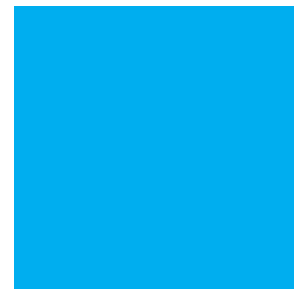
Referências bibliográficas:

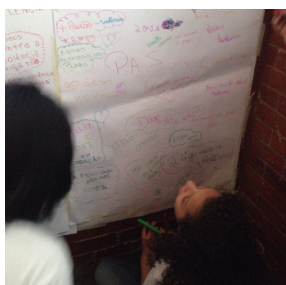
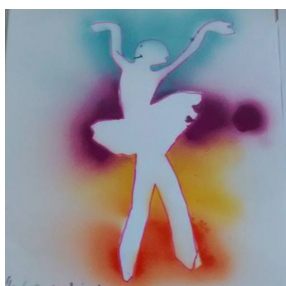
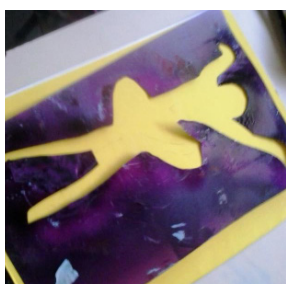
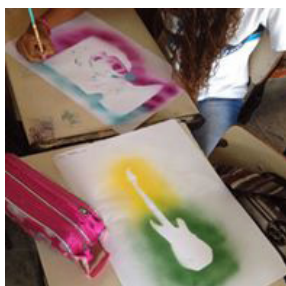
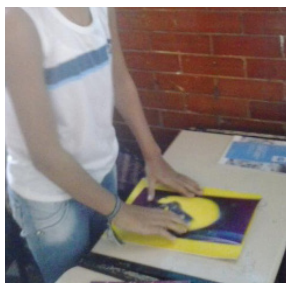
HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. Juventude, professores e escola: possibilidades de encontros. Ijuí: Unijuí, 2003.

SILVA, Fernando Pedro. Arte pública: diálogo com as comunidades. São Paulo: C/Arte, 2005.

Notas de aula de estágio em Artes Visuais – SILVA, Tomaz Tadeu: Dr. Nietzsche, curricularista – com uma pequena ajuda do professor Deleuze.





GRAFITE E ESTÊNCIL

Bolsistas: Priscilla Duarte e Natalia Rey

Tempo de duração: 100 minutos

Público-alvo: 2º Segmento do Ensino Fundamental

Número de alunos: até 40 alunos por oficina

A Arte e o Graffiti contra o machismo

Cada vez mais são denunciadas as violências, opressão e demais injustiças impostas às minorias sociais, dentre as quais a mulher, infelizmente, sobressai como uma das mais aviltadas vítimas. A grave situação feminina, na profunda assimetria social que marca o país, decorre da criminoso supremacia masculina ideologicamente machista. As bases históricas dessa lamentável situação são conhecidas, assim como as suas raízes que se desenvolvem desde a perversa colonização do país meio às suas amargas relações com o escravagismo.

Diante dos crescentes dados sobre atos de violência e discriminação da mulher, esse gravíssimo problema é de responsabilidade de todos e evidentemente um problema também da Educação!

No que tange diretamente o ensino das Artes Visuais, seu ensino é convocado a pensar as imagens e o imaginário que compõem o panorama sociocultural da cidade e neste localizar e buscar participar da superação da discriminação e demais crimes contra as mulheres.

Objetivo geral:

Mobilizar os alunos e a comunidade escolar em prol da reflexão e conscientização da violência sofrida pelas mulheres, de forma a que essa questão envolva a formação escolar.

Objetivos específicos:

- Entender o machismo e suas consequências na vida cotidiana de todos;
- Localizar-se dentro do problema se reconhecendo como parte da sociedade;
- Problematicar as imagens da mulher e o imaginário do feminino construído socialmente entendendo a participação de cada um nessas elaborações coletivas;
- Conhecer, leis e iniciativas em defesa da mulher face às agressões decorrentes do machismo;

Conteúdo a ser explorado:

A arte e o graffiti como ferramentas para discutir e refletir a situação das mulheres na sociedade. A arte urbana como crítica e militância político-social.

Metodologia:

- Iniciar uma conversa com os alunos sobre do que se trata o vídeo.(5 min.)
- Exibir o vídeo. (18 min.)
- Debater sobre o conteúdo do vídeo. (15 min.)
- Propor atividade com tintas spray como o estêncil e o graffiti em sala e/ou em cana e/ou na rua

Recursos/material:

- Tintas spray de diversas cores e/ou tinta guache
- Pinceis e rolinhos
- Papel + acetato ou papelão
- Tesoura e lápis + borracha
- Fita adesiva

Observação:

Os alunos poderão trabalhar em um dos muros ou no pátio da escola. Aprenderão a produzir os moldes/formas do estêncil em sala para compor com o graffiti no muro ou ate mesmo reproduzir em suporte de papel para ser exposto nos murais da escola.

Avaliação:

A avaliação da oficina se dá processualmente em suas realizações, nas quais são observadas a pertinência e a produtividade das tarefas propostas; é observado o êxito de suas atividades; a adequação dos recursos e estratégias planejadas; a participação; a experimentação e a condução das técnicas e tarefas propostas.

Exibição na turma das fotos captadas durante os trabalhos e discussão dos resultados com todos os participantes, incentivando a avaliação de cada um deles, buscando não só ouvi-los, mas registrar suas colocações.

Referências bibliográficas:

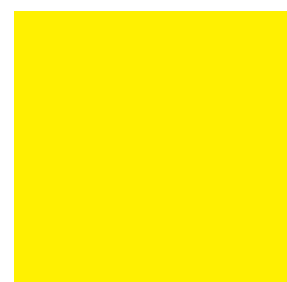
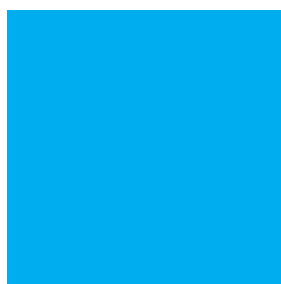
CORRÊA, Ayrton Dutra e NUNES, Ana Luiza Rangel (orgs.). O ensino das Artes Visuais: uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: editoraufsm, 2007.

ICLE, Gilberto (org.) Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação. Porto Alegre: UFRGS editora, 2010.

LOPES, Anemari R. L. Vieira e TOMAZETTI, Elisete M.. PIBID UFSM: experiências e aprendizagens. V.1, São Leopoldo: 2013.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.) Pedagogias Culturais. Santa Maria: editoraufsm, 2014.

ZABALA, A. (Org.). Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.



CÂMARA ESCURA CAPTAÇÃO E PROJEÇÃO

Bolsistas: Priscilla Duarte e Natalia Rey

Tempo de duração: 100 minutos

Público-alvo: 2º Segmento do Ensino Fundamental

Número de alunos: até 40 alunos por oficina

Capturando a imagem de dentro da câmara escura

Objetivo geral:

Ensinar como a imagem pode ser projetada através da luz em uma câmara construída artesanalmente e como esta mesma imagem pode ser capturada com o celular e assim explorar a criação técnica da imagem e sua circulação na contemporaneidade.

Objetivos específicos:

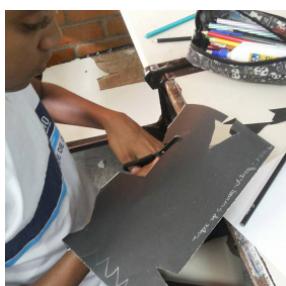
- Aprender as técnicas de construção de uma câmara escura
- Criação coletiva de uma câmara escura e a captura das imagens com o celular de dentro da câmara escura.
- Investigar o papel da fotografia no mundo contemporâneo.

Conteúdo a ser explorado:

O desenvolvimento da tecnologia através da projeção e captura de imagens e o papel da fotografia na atualidade.

Metodologia:

Explicar e demonstrar como fazer uma câmara escura e como a imagem se projeta dentro dela. Com uma caixa de papelão grande iremos vedar os seus extremos nas dobras com fita adesiva preta e fazer uma saia com um pano embaixo na caixa, prendendo com grampeador para que nenhuma luz entre na caixa. A única luz que poderá entrar na caixa será através de um furo que faremos com uma caneca no centro de uma das faces da caixa. No interior da caixa, será colado o papel branco, no qual será projetada a imagem que entrar com a luz pelo furo. Será solicitado aos estudantes que participarem da experiência que registrem com o celular o que for visto dentro da câmara escura.



Recursos/material:

- Caixa de papelão grande suficiente pra caber uma pessoa sentada em seu interior
- Fita adesiva preta e grossa
- Caneta bic e régua grande
- Folha A3 ou A4 branca
- Grampeador
- Tecido preto

Os alunos experimentarão estar no interior de uma câmera escura por eles construída para entender melhor o processo de evolução da tecnologia de captura e projeção de imagens. Durante a oficina será estimulado o diálogo sobre a fabricação das imagens pessoais, grupais, de eventos, acidentes, etc. e sobre o poder de convencimento das imagens e sua fabricação à favor do discurso.

Avaliação:

A avaliação da oficina se dá processualmente meio às suas realizações, nas quais são observadas a pertinência e a produtividade das tarefas propostas; o êxito de suas atividades; a adequação dos recursos e estratégias planejadas; a participação; a experimentação e a condução das técnicas e tarefas propostas.

Exibição na turma das fotos captadas durante os trabalhos e discussão dos resultados com todos os participantes, incentivando a avaliação de cada um deles, buscando não só ouvi-los, mas registrar suas colocações.

Referências bibliográficas:

CORRÊA, Ayrton Dutra e NUNES, Ana Luiza Rangel (orgs.). O ensino das Artes Visuais: uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: editoraufsm, 2007.

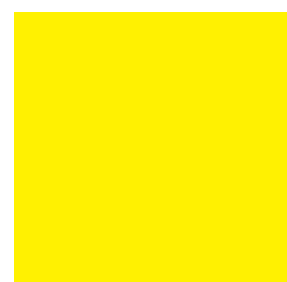
ICLE, Gilberto (org.) Pedagogia da Arte: entregues da criação. Porto Alegre: UFRGS editora, 2010.

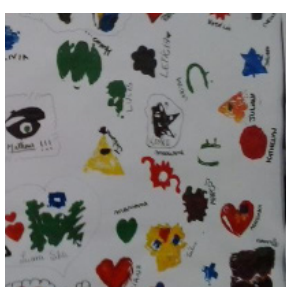
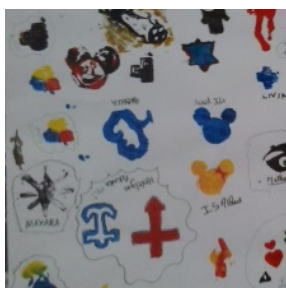
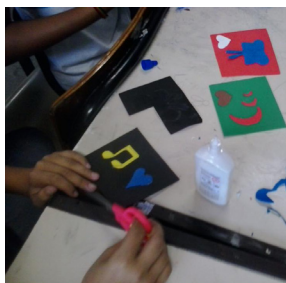
LOPES, Anemari R. L. Vieira e TOMAZETTI, Elisete M.. PIBID UFSM: experiências e aprendizagens. V.1, São Leopoldo: 2013.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.) Pedagogias Culturais. Santa Maria: editoraufsm, 2014.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

ZABALA, A. (Org.). Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.





GRAVURA/CARIMBOS

Bolsistas: Angélica Santiago e Mariluse da Conceição Vianna

Tempo de duração: 100 minutos

Público-alvo: 2º Segmento do Ensino Fundamental

Número de alunos: até 40 alunos por oficina

Técnica: Gravura com carimbos

Tema: Símbolos Adinkras

Representando ideias, provérbios, conceitos e aforismos, através de uma linguagem que utiliza símbolos geométricos, os chamados Adinkras transmitem através de suas formas as tradições antigas e a cultura dos povos africanos que as criaram e utilizam. Sua ancestralidade vem das grafias mais antigas da África, que embora carregue uma tradição de transmissão de saberes basicamente oral, é onde se dão as primeiras grafias utilizadas pelo homem.

A origem dos símbolos Adinkras vem dos povos Akan que, em sua maioria, habitam Gana, Costa do Marfim e Togo. A sua utilização é muito voltada para a estamparia de tecidos, onde tanto os símbolos, quanto as cores usadas são de enorme valor significativo e cultural. São também usados em esculturas, adereços, peças em ferro, madeira e bronze, além de também estarem presentes na arquitetura. Conhecer a grandeza de produções estéticas africanas nos permite saber mais sobre o nosso passado e valorizar nossas origens africanas, ampliando, portanto o entendimento positivo das paisagens humanas das quais fazemos parte.

Atividade:

Para a atividade foi pensada a construção de um mural, onde as turmas envolvidas gravariam neste suporte os símbolos por elas criados. Como ponto de partida da oficina é explicado e demonstrado aos estudantes o conceito de símbolo, e de visualidades ligadas às identidades, bem como é problematizado o conceito de pertencimento cultural e afetivo. Também são apresentadas imagens dos símbolos Adinkras e demonstrada as suas utilizações como elemento identitário e cultural. Já na atividade prática que segue à explanação inicial, cada participante confecciona o um carimbo, que pode representar uma ideia, frase, sentimento com o qual no momento o autor imagine representa-lo. Após a confecção dos carimbos, a turma inicia a impressão das imagens criadas sobre a superfície do mural destinado à essa finalidade. Idealmente o mural é exposto em espaços de circulação da escola.

Após a tarefa concluída é estimulada uma conversa coletiva a respeito das produções individuais e seus efeitos na composição coletiva apresentada no mural.

A oficina pode ser complementada com a projeção de imagens de outras produções artísticas africanas e brasileiras que guardem semelhanças e origem.

Objetivos gerais:

A proposta tem como objetivo, além de estimular os participantes à criatividade, na produção plástica e visual, transmitir alguns conceitos que estão sendo trabalhados pelo projeto do PIBID: identidades, pertencimento, multiculturalidade, cidade entre outros. Também é proposta da oficina a apresentação de uma pequena parte da cultura africana, afim de que cada vez mais se oportunize o esclarecimento e inserção da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, que apesar da lei 10639/03, que torna obrigatório seus conteúdos específicos na Educação Básica, ainda não são contemplados na frequência e qualidade necessária.

Materiais utilizados na oficina:

- Folhas de EVA
- Tintas acrílicas
- Tesoura
- Lápis
- Folhas de papel cartão
- Papel sulfite.

Avaliação:

A avaliação da oficina se dá processualmente em suas realizações, nas quais são observadas a pertinência e a produtividade das tarefas propostas; é observado o êxito de suas atividades; a adequação dos recursos e estratégias planejadas; a participação; a experimentação e a condução das técnicas e tarefas propostas.

Exibição na turma das fotos captadas durante os trabalhos e discussão dos resultados com todos os participantes, incentivando a avaliação de cada um deles, buscando não só ouvi-los, mas registrar suas colocações.

Referências bibliográficas:

CORRÊA, Ayrton Dutra e NUNES, Ana Luiza Rangel (orgs.). O ensino das Artes Visuais: uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: editoraufsm, 2007.

ICLE, Gilberto (org.) Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação. Porto Alegre: UFRGS editora, 2010.

LOPES, Anemari R. L. Vieira e TOMAZETTI, Elisete M.. PIBID UFSM: experiências e aprendizagens. V.1, São Leopoldo: 2013.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.) Pedagogias Culturais. Santa Maria: editoraufsm, 2014.

ZABALA, A. (Org.). Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NASCIMENTO, Elisa Larkin, Adinkra. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

QUESTÕES DE GÊNERO: OS PAPÉIS DA MULHER E DO HOMEM NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Bolsistas: Angélica Santiago dos Reis e Mariluse da Conceição Vianna

Tempo de duração: 100 minutos

Público-alvo: 2º Segmento do Ensino Fundamental

Número de alunos: até 40 alunos por oficina

Objetivos gerais da oficina:

Abordar de maneira lúdica e reflexiva as diversas influências que mulheres e homens recebem da sociedade desde a primeira infância e, como elas recaem diretamente na construção e fixação dos gêneros e de suas identidades. Problematicar as ideias de igualdade de direitos, liberdade de escolhas, cidadania e ética. Estimular reflexões a partir das realizações da oficina na intenção de favorecer a compreensão da importância das diferenças e neutralizar convicções e práticas machistas e discriminatórias.

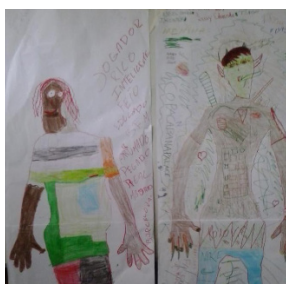
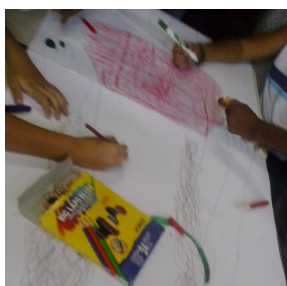
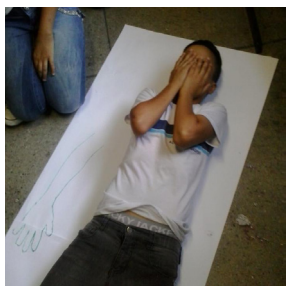
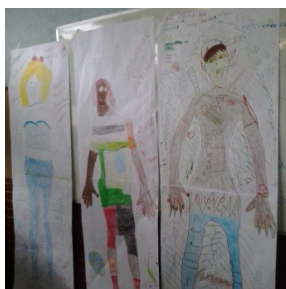
Metodologia:

Apresentação do tema da oficina por meio de imagens visuais e músicas.

Interpretação e leitura das imagens e das letras das canções, estimulando a colocação de dúvidas e convicções a respeito do tema.

Será então solicitado à turma expressar o imaginário em relação às características que definiriam e identificariam os homens e as mulheres.

EM seguida, deverão elencar aspectos que provoquem e evidenciem a vulnerabilidade nos gêneros por meio do desenho de contorno de um corpo sobre uma ou mais folhas de papel. Sobre esses dois espaços-corpos cada grupo intervirá criando marcas que caracterizem a forma masculina e feminina e escreverá neles, palavras referentes às prováveis funções para cada um desses gêneros. Por fim, é solicitado aos grupos que escrevam no quadro as palavras de cada molde, para em seguida iniciar as perguntas e o debate.



Questões:

- 1- Como as mulheres e os homens expressam suas emoções?
- 2- Qual a importância dos padrões estéticos para ambos? Por que?
- 3- O que é independência? Essa condição se aplica igualmente ao homem e à mulher?
- 4- A quem cabe o cuidado da casa de um casal e a criação dos filhos?
- 5- O que é igualdade? E a liberdade é igualitária?

Recursos:

Imagens impressas e canções afetas ao tema da oficina.

Folhas de papel pardo, Hidrocor, lápis de cor, giz de cera, papel sulfite.

Referências musicais:

Feijoada completa – Chico Buarque

Pagu – Rita Lee/ Zélia Duncan

Marias – Karol Konca

Por que homem não chora – Pablo

Amélia – Mário Lago

Meu namorado é maior otário – MC Carol

Avaliação:

A avaliação da oficina se dá processualmente em suas realizações, nas quais são observadas a pertinência e a produtividade das tarefas propostas; é observado o êxito de suas atividades; a adequação dos recursos e estratégias planejadas; a participação; a experimentação e a condução das técnicas e tarefas propostas.

Exibição na turma das fotos captadas durante os trabalhos e discussão dos resultados com todos os participantes, incentivando a avaliação de cada um deles, buscando não só ouvi-los, mas registrar suas colocações.

Referências bibliográficas:

CORRÊA, Ayrton Dutra e NUNES, Ana Luiza Rangel (orgs.). O ensino das Artes Visuais: uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: editoraufsm, 2007.

DIAS, Alfrancio Ferreira. Educação e igualdade de gênero. São Paulo: Paco editorial, 2015

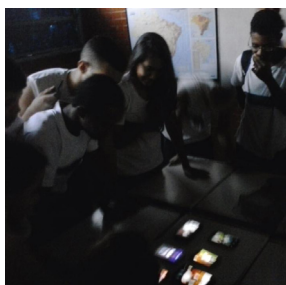
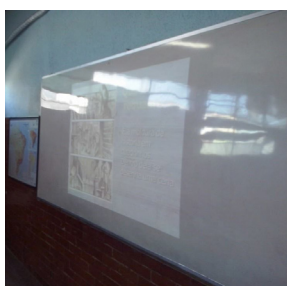
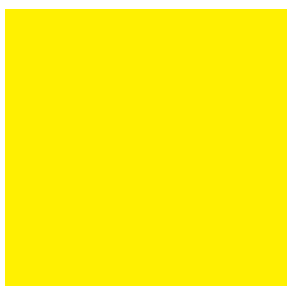
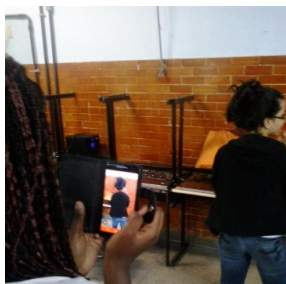
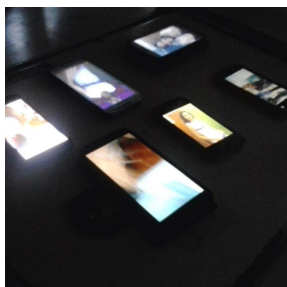
ICLE, Gilberto (org.) Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação. Porto Alegre: UFRGS editora, 2010.

LOPES, Anemari R. L. Vieira e TOMAZETTI, Elisete M.. PIBID UFSM: experiências e aprendizagens. V.1, São Leopoldo: 2013.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (orgs.) Pedagogias Culturais. Santa Maria: editoraufsm, 2014.

ZABALA, A. (Org.). Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Site: buscaovem.org.br



OFICINA AUDIOVISUAL DE ANIMAÇÃO (STOP MOTION)

Bolsistas: Breno Felipe, Marcos Fernando dos Santos e Júlio Cesar dos Anjos

Objetivo Geral:

Ensino e prática de aplicação de técnicas fotográficas para a criação de pequenos filmes animados em vídeo. A produção do audiovisual por meio da fotografia estática. Conhecimentos básicos de iluminação, escala monocromática, enquadramento de cena, fundo infinito, imagem em movimento x imagem em estática e técnicas de animação "frame a frame".

Estratégia Pedagógica: Desenvolver pequenos vídeos em "Stop Motion" através da técnica frame a frame ou foto a foto. Considerando que para cada 1 segundo de vídeo são utilizadas 30 fotos em movimento/rotação. Trabalhamos técnicas de animação passo a passo para a criação de vídeo animado.

Temas:

Produção Audiovisual; Foto; vídeo; Stop Motion.

Objetivos Específicos:

- Relacionar a produção entre foto e vídeo.
- Discutir e propor as técnicas, operações e criação em animação.
- A criação da imagem e a invenção de verdades por meio das visualidades.

Conteúdos:

- Perspectiva. - Superfícies. - Profundidade. - Composição. - Iluminação, cores. - Enquadramento.

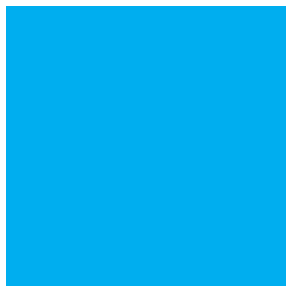
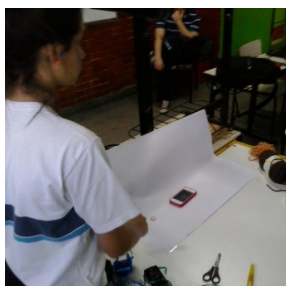
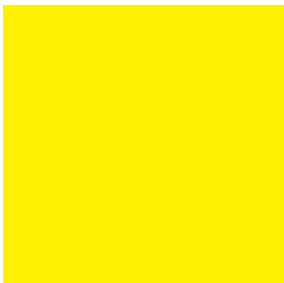
Avaliação:

A avaliação da oficina se dá processualmente em suas realizações, nas quais são observadas a pertinência e a produtividade das tarefas propostas; é observado o êxito de suas atividades; a adequação dos recursos e estratégias planejadas; a participação; a experimentação e a condução das técnicas e tarefas propostas.

Exibição na turma das fotos captadas durante os trabalhos e discussão dos resultados com todos os participantes, incentivando a avaliação de cada um deles, buscando não só ouvi-los, mas registrar suas colocações.

Materiais/Recursos necessários:

- Máquina fotográfica; Projetor; Notebook; Tripé; Cartolina Branca.



OFICINA DE ÁUDIO VISUAL: NOVAS EXPERIÊNCIAS COM A IMAGEM

Bolsistas: Marcos Fernando dos Santos, Breno Felipe, Francisco Honório e Júlio Cesar dos Anjos
Duração: 120 minutos

Objetivos: novos encontros na escola, da observação à representação.

A oficina centrada na criação de vídeos por meios alternativos, se assenta em três aspectos: a observação, a experimentação e a representação. Para tanto, demanda uma pré-produção como a escolha dos vídeos a serem exibidos, providenciar e instalar os equipamentos de audiovisual (laptop, Datashow, caixas de som, celulares, tablets, câmeras fotográficas digitais ou similares que os estudantes possam dispor) em espaço que possa ter iluminação adequada à projeção.

Esta oficina, começa com o formato Cine Debate, com apresentações de vídeos produzidos pelos alunos da escola no ano anterior, 2014. Foram quatro vídeos (curtas), onde abordamos assuntos relacionados a roteiros, técnicas de produção e novas mídias digitais para produção audiovisual. No final de cada oficina realizamos uma experiência (prática) com todos os alunos.

Durante o processo buscamos perceber a recepção dos alunos diante das suas próprias produções e das de seus colegas, feitos do ano anterior. A partir do debate os estudantes foram estimulados a repetirem a experiência, desta vez sem a complexidade da produção técnica anterior, quando foi utilizado câmeras semiprofissionais. Nesta experiência, a tarefa se limitava ao aproveitamento e exploração dos recursos disponíveis. As câmeras dos celulares! Discutindo aspectos estéticos e técnicos dos curtas-metragens.

Na primeira fase da oficina, em caráter de cineclube os alunos assistiram a produções audiovisuais (curtas metragens) criadas no ano anterior sob orientação dos mesmos. Nas muitas sessões ministradas naquele dia, foi comum encontrar alunos que no ano passado participaram da produção em geral como atores e que ofereceu a oportunidade dos seus relatos aos demais colegas que experimentavam a atividade pela primeira vez.

Nesta etapa podemos destacar três ações: Observação, quando os alunos apenas assistiram aos filmes; análise e debate refletindo sobre a técnica e a estética das produções. As questões que surgiram foram: o que os quatro filmes assistidos tem em comum em sua temática? As referidas obras tinham a musicalidade e o corpo (Harlem Shake, bailando, batidão) como aspectos predominantes. Destacamos aqui o corpo como forte elemento discursivo. Corpo este cujo rito social traça narrativas paralelas à epopeia do funk e do Rap; assim também como válvula de escape às normas institucionais às quais os jovens são submetidos.

“Hoje os celulares estão liberados”

Na segunda etapa é solicitada a participação ativa dos alunos na experiência e produção poética. Como foi previamente solicitado, os alunos trouxeram seus celulares e demais equipamentos de filmagem. Logo os estudantes foram distribuídos em duplas e pedimos que cada aluno filmasse o colega de dupla durante cinco minutos, enquanto este criava gestos e movimentos livremente. Após os cinco minutos, as ações se alternavam e o que filmava passava a ser filmado. Após os dez minutos, foi pedido que os alunos colocassem seus aparelhos sobre um conjunto de mesas unidas de forma que ficassem visíveis. Todos os celulares utilizados para os registros foram ativados ao mesmo tempo. O resultado foi um belíssimo mosaico de imagens-performances e vozes.

Durante os dez minutos, usamos a expressões do tipo “Hoje os celulares estão liberados” como palavra de ordem de quebra de um interdito comum às salas de aula. Ou seja, a proibição de aparelhos de celulares e demais ferramentas digitais nas salas de aula. A proposta da oficina, além de explorar e investir na ação inventiva dos estudantes, visou evidenciar a importância dos aparatos tecnológicos em sala de aula como ferramenta pedagógica e como prática artística. Os participantes tomando as atividades como inusitada brincadeira, criaram performances curiosas. Mas, o que de fato predominou foi a dança livre.

A oficina buscou se inspirar na obra *Devotionalia* de Mauricio Dias & Walter Riedweg.²

As atividades dos workshops foram documentadas em mais de cinquenta horas de vídeo. Nestes workshops criaram-se 1.286 ex-votos – cópias moldadas em cera branca dos pés e mãos dos mais de seiscentas crianças e adolescentes que participaram do projeto. No momento de moldar seus pés e mãos, os meninos expressavam um desejo que era registrado em vídeo, o qual permanecia igualmente impregnado nos ex-

votos. Ex-votos e vídeos foram em seguida objeto de uma instalação no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Três mil pessoas vieram à inauguração desta exposição, das quais pelo menos a metade – em sua maioria crianças e adolescentes – era proveniente de favelas e comunidades carentes e entrava neste espaço pela primeira vez. A exposição gerou vários níveis de discussão pública entre diferentes meios da cultura, da política e do trabalho social no Rio de Janeiro. (Rolnik.P.18)

No aspecto de incorporação da obra que esta oficina se aproximou de *Devotionalia* quando no primeiro momento o material exposto e que desencadeou as ações seguintes foram vídeos produzidos pelos estudantes e retomado com a participação e o apoio de novos bolsistas. A obra *Devotionalia* que se baseia no campo dos desejos dos envolvidos nos inspirou a buscar também lidar com desejos em face dos limites e normas escolares.

Foi também de grande importância a participação dos professores de disciplinas diversas na oficina. Seus depoimentos após cada oficina foram surpreendentes. Alguns reconheceram seguir restritamente as normas que proíbem o uso de celulares, e que desconheciam até aquele momento a importância das tecnologias quando aproveitadas no trabalho pedagógico. Além disso, admitiram que atividades como a vivenciada nas oficinas oferecem entre alunos e os docentes a oportunidade de compartilhamento de experiências e ideias, e, sobretudo, durante as atividades conhecerem um pouco mais os seus alunos.

Referências bibliográficas:

Devotionalia – obra de Dias & Riedweg.
In <http://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/567958>

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre o saber e o saber de experiência. Universidade de Barcelona. Espanha.

ROLNIK, Suely. *Alteridade à céu aberto – o laboratório político de Mauricio Dias & Walter Riedweg*. Museu d’Art Contemporani de Barcelona. Barcelona 2003.

SILVA, Tomas Tadeu da. DR. NIETZSCHE, CURRICULISTA – COM UMA PEQUENA AJUDA DO PROFESSOR DELEUZE.

VICTORIO, Aldo Filho. *Nômade na cidadela da arte: outras histórias, outras estéticas, outros*. <https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=VISUAL&page=article&op=view&path%5B%5D=18085>

² <https://cinematecos.wordpress.com/2013/10/03/mauricio-dias-e-walter-riedweg/>



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Artes
PIBID - Programa Institucional de Bolsa de
Iniciação à Docência
Escola Municipal Alcide De Gasperi